

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

ALCIDES JUNIO SILVA LOPES

**DINÂMICA URBANA E PERCEPÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NOS BAIROS
SANTA CECÍLIA (SC) E SÃO PEDRO (SP), EM ESMERALDAS (MG).**

Belo Horizonte

2014

ALCIDES JUNIO SILVA LOPES

**DINÂMICA URBANA E PERCEPÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NOS BAIROS
SANTA CECÍLIA (SC) E SÃO PEDRO (SP), EM ESMERALDAS (MG).**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado
do Curso de Ciências Socioambientais da FAFICH/UFMG
como requerimento parcial para obtenção de grau de
bacharelado em Ciências Socioambientais.**

ORIENTADOR: Profa. Dra. Ana Beatriz Vianna
Mendes.

MEMBRO DA BANCA: Prof. Dr. Klemens
Augustinus Laschefski.

Belo Horizonte

2014

ALCIDES JUNIO SILVA LOPES

**DINÂMICA URBANA E PERCEPÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NOS BAIRROS
SANTA CECÍLIA (SC) E SÃO PEDRO (SP), EM ESMERALDAS (MG).**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado
do Curso de Ciências Socioambientais da FAFICH/UFMG
como requerimento parcial para obtenção de grau de
bacharelado em Ciências Socioambientais.**

Profa. Dra. Ana Beatriz Vianna Mendes. (orientadora) - UFMG / FAFICH

Prof. Dr. Klemens Augustinus Laschefski. (membro da banca) - UFMG / FAFICH

Belo Horizonte, 06 de Junho de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a fé nos Orixás que me concederam calma e serenidade na construção deste trabalho.

Aos meus pais Sr. Alcides e Sra. Helena, meus irmãos Alcirley e Fabiane e minha querida esposa Cynthia que tudo fizeram para que eu concluísse mais essa etapa em minha vida. Agradeço imensamente as palavras de incentivo nos momentos de desânimo. Cada gesto, cada palavra foi primordial para continuar em frente e chegar até aqui.

A orientadora Dra. Ana Beatriz Vianna Mendes (professora Bia) pela enorme paciência na orientação e incentivos diários. Seu rigor acadêmico permitiu despertar possibilidades intelectuais adormecidas ou talvez ignoradas, não só na construção desta monografia, mas durante todo o período da graduação. Obrigado por sua orientação e ser exemplo da docência superior.

Ao professor Dr. Klemens Augustinus Laschefski por estimular em suas disciplinas o interesse nas questões sobre dinâmica urbana e por aceitar a leitura e avaliação deste trabalho.

A todos os professores do curso de ciências socioambientais que no período da graduação me ensinaram vários caminhos do saber acadêmico.

Ao Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA-UFGM) que permitiu ver na prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, mostrando que a academia pode estar aliada aos saberes que transpassam os portões da universidade.

Aos amigos. Ah! Os amigos... que seria cursar um curso superior, sem a parceria de pessoas que tomam espaço importante em nossa vida? Que te irritam e fazem rir? Que possamos juntos mostrar para o Brasil e quem sabe o Mundo a importância do bacharel em Ciências Socioambientais. Levarei vocês pra sempre comigo.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada em dois bairros na Região Metropolitana de Belo Horizonte na cidade de Esmeraldas cujo objetivo é perceber como a dinâmica urbana influencia no modo de vida das pessoas que residem em dois bairros, próximos à capital. A metodologia deu-se através da coleta de dados em campo, observação participativa e leitura de textos acadêmicos, jornais informativos e documentos oficiais. As informações coletadas apontam que morar nos bairros da RMBH pode trazer alguns transtornos como a falta ou a menor qualidade de alguns serviços básicos de saúde, educação e lazer, mas, por outro lado, permite em muitos casos a aquisição da ‘casa própria’, o que constitui um passo importante na concepção dos entrevistados.

Palavras-Chave: Dinâmica Urbana; Região Metropolitana; Esmeraldas.

ABSTRACT

This paper presents a survey in two districts in the Metropolitan Region of Belo Horizonte in the city of Esmeraldas. Its goal is to understand how urban dynamics influences the way of life of people living in two neighborhoods near the capital. The methodology is made through the collection of field data, participant observation and reading academic texts, informative newspapers and official documents. The information collected indicate that living in neighborhoods of Metropolitan Region of Belo Horizonte may bring some disorders like lack or lower quality of some basic health services, education and leisure, but on the other hand, in many cases allows the acquisition of 'home', which is an important step in the design of the respondents.

Keywords: Urban Dynamics; Metropolitan Region; Esmeraldas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Distância dos bairros em relação ao Centro de BH.-----	13
Figura 2: Foto de uma das ruas Bairro Santa Cecília -----	16
Figura 3: Foto de uma das várias casas no mesmo estilo no bairro Santa Cecília -----	16
Figura 4: Foto mostrando a entrada do bairro São Pedro -----	18
Figura 5: Foto mostrando casas que seguem o mesmo padrão de construção no bairro São Pedro -----	18
Figura 6: Foto mostrando o bar do Ney no bairro São Pedro-----	19
Figura 7: Foto do local destinado ao ponto de ônibus comum aos dois bairros-----	23
Figura 8: Figura do Mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte com destaque na cidade de Esmeraldas e BH. -----	26
Figura 9: Foto via satélite com destaque dos bairros São Pedro e Santa Cecília -----	27
Figura 10: Figura do Mapa registrando pedido de loteamentos da RMBH. -----	30
Figura 11: Percentagem da população atendida por esgotamento sanitário-2013 -----	38
Figura 12: Foto da rua Santa Luzia no bairro Santa Cecília registrando a “água que escorre na rua”-----	39
Figura 13: Foto da avenida 2 no bairro São Pedro registrando a “água que escorre na rua”	39

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1: Síntese dos aspectos positivos e negativos citados nas entrevistas, nos bairros Santa Cecília (SC) e São Pedro (SP).----- 20
- Tabela 2: Evolução Populacional 1991-2010 – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE-Cidades) ----- 28
- Tabela 3: Profissão e Renda Familiar dos Moradores Entrevistados na Pesquisa. ----- 33

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BH - Belo Horizonte

COPASA MG - Companhia de Saneamento de Minas Gerais

MG - Minas Gerais

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social

PBH - Prefeitura de Belo Horizonte

PDDI - Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado

PMCMV - Programa Minha Casa Minha Vida

RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Metodologia	14
2. BREVE RELATO DA ROTINA DOS BAIRROS	22
3. A DINÂMICA URBANA E SEUS COMPLICADORES	24
4. DINÂMICA URBANA E PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

No final do século XIX a então capital de Minas Gerais, Ouro Preto¹, tinha como atividade econômica principal o comércio. Sua localização montanhosa dificultava novas atividades econômicas, mas era lá que se situava a sede administrativa do Estado (COSTA e ARGUELHES, 2008, p.5). Nesse contexto foi pensada a construção de uma nova capital, que pudesse centralizar a administração e constituir um pólo econômico mais moderno. O engenheiro Aarão Reis foi o responsável pela elaboração da nova cidade, que foi planejada para abrigar 200 mil habitantes, sendo estes os funcionários do governo e a elite mineira, que tinham condições de comprar lotes na nova capital (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2014).

Belo Horizonte foi inaugurada às pressas, estando ainda inacabada. Os operários, aglomerados em meio às obras, não foram retirados e, sem lugar para ficar, assim como os belo-horizontinos, formaram favelas na periferia da cidade (BELO HORIZONTE, 2013).

O descaso com os operários nesse processo acima citado desencadeou a procura por habitações em regiões economicamente mais acessíveis como no caso da cidade de Esmeraldas. Anteriormente a cidade de Esmeraldas era conhecida com Freguesia de Santa Quitéria.

Em 1832 é criada a freguesia de Santa Quitéria pelo Regente Feijó, compreendendo também Sete Lagoas. Foi elevado à categoria de vila em 1901, pela lei nº 893, desmembrando-se de Sabará. Em 1925 a vila foi elevada a cidade, por meio da lei nº 893. Em 1943, por meio do decreto-lei nº 1058, o município passou a chamar-se Esmeraldas (RMBH A REGIÃO QUE HABITAMOS II, 2013, p.27)

Apesar do nome Esmeraldas ser adotado em 1943, a Lei Orgânica Municipal, promulgada em 18/03/1990, institui oficialmente o dia do Município sendo o dia 16 de setembro, data em que a antiga freguesia é elevada a vila.

Os bairros vizinhos Santa Cecília e São Pedro pertencem ao município de Esmeraldas, que faz parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), localizado a cerca de 60 quilômetros da capital mineira. Indo de carro do centro de Belo Horizonte em direção aos dois

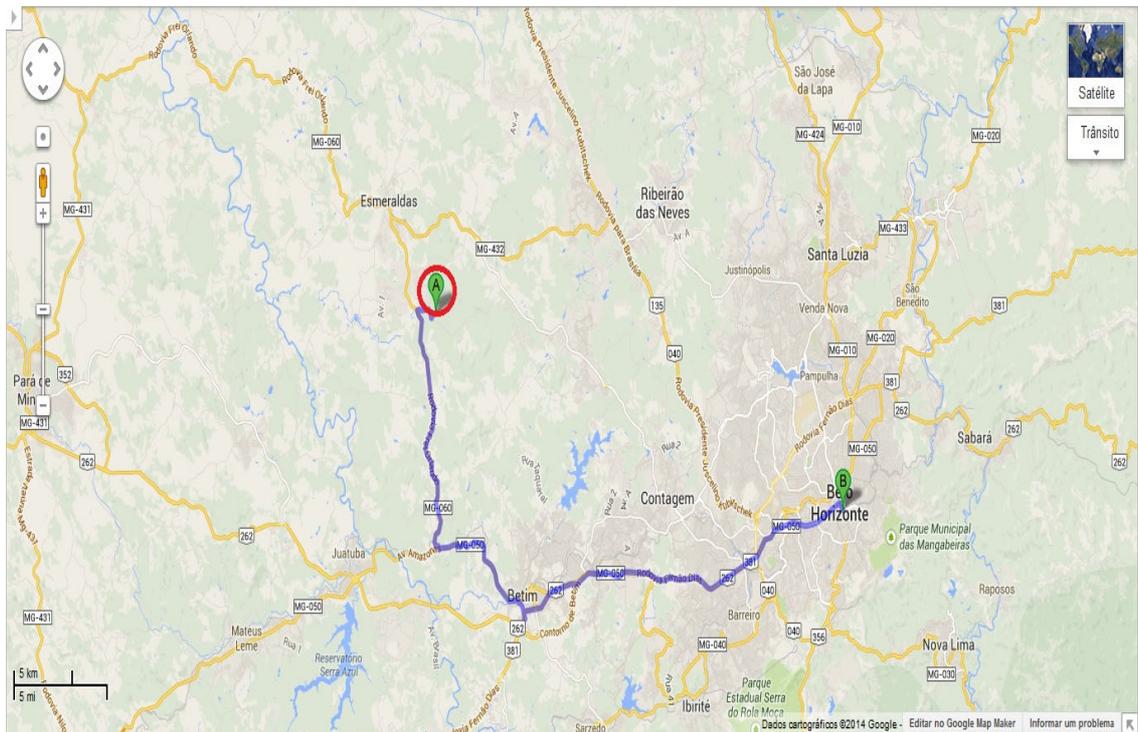
¹ Em 1897 Ouro Preto perde o status de capital mineira, especialmente por não apresentar alternativas viáveis ao desenvolvimento físico urbano, sendo a sede transferida para o antigo Curral Del'Rey (onde uma nova cidade, Belo Horizonte, planejada e espaçosa, estava sendo preparada). Fonte: <<http://www.ouropreto.mg.gov.br/historia>>, acessado em 20/01/2014.

bairros da cidade pela BR-040 e MG-432 a média de tempo gasto é de uma hora. E utilizando o serviço de transporte público, conversando com alguns moradores dos bairros, chegam a gastar em média de uma hora e meia a duas horas, em momentos de trânsito “tranquilo”. O valor da passagem até o dia vinte de maio de dois mil e quatorze era de R\$4,35 (quatro reais e trinta e cinco centavos), dando um valor total para o morador que deseja ir e voltar ao centro de Belo Horizonte (BH) de R\$8,70 (oito reais e setenta centavos).

Atualmente a especulação imobiliária continua a expulsar os belo-horizontinos de baixa renda para regiões afastadas do centro da cidade, reforçando a ideia de que a cidade foi feita para a elite econômica. Esta assertiva se coaduna com os depoimentos colhidos de moradores dos bairros, que dizem morar na região pelo preço mais barato das residências, se comparado aos da capital.

A justificativa desse trabalho apoia-se na busca de compreensão da relação entre dinâmica urbana e as relações homem-natureza-sociedade, entendendo-as de forma associada. Além disso, a pesquisa busca compreender as próprias percepções dos moradores sobre a situação socioambiental dos bairros onde residem. A escolha de dois bairros se justifica pelo meu interesse de entender como se dão as relações dessas pessoas entre si e com os respectivos lugares. Os bairros são vizinhos e se intercambiam em diversos locais de socialização, como posto de saúde, escola, padarias, etc.. Na Figura 1 é possível ver circundado de vermelho a localização aproximada dos dois bairros, e sua distância em relação ao Centro de Belo Horizonte.

Figura 1: Distância dos bairros em relação ao Centro de BH.



Recorte do mapa mostrando a distância dos bairros em relação ao Centro de BH. Fonte: Google Maps, acessado em 14 maio de 2014.

O bairro Santa Cecília é o mais antigo e seu surgimento está atrelado ao empreendimento imobiliário de uma empresa do ramo imobiliário que, segundo alguns moradores, ocorreu aproximadamente há vinte anos. Infelizmente ao consultar alguns servidores da Prefeitura de Esmeraldas, não souberam mencionar, por falta de registros, a empresa responsável pelo loteamento do bairro. O bairro São Pedro, de acordo com alguns moradores, é oriundo do parcelamento de uma propriedade particular, uma fazenda. O então proprietário que nenhum morador soube dizer o nome, começou a parcelar a fazenda e vender o lotes. Após sua morte a venda dos lotes ficou interrompida e somente depois da partilha dos bens que os filhos herdeiros ao invés de continuarem vendendo os lotes passaram a construir casas geminadas. “São alguns irmãos, se não me engano três irmãos, que no começo estavam vendendo lotes, e agora só vendem casas prontas” (MORADOR 8). Um pedido de informações oficiais sobre o processo de loteamentos dos bairros Santa Cecília e São Pedro foi realizado na secretaria da Prefeitura, porém, até o momento não obtivemos resposta. Os moradores mais antigos relatam que as pessoas foram chegando e construindo suas casas e que não havia energia elétrica e nem água encanada. As ferramentas de pesquisa Google Maps (2014) e Google Earth (2014) não identificaram até o momento da pesquisa o bairro

São Pedro, é como se nessas ferramentas o bairro não existisse, ao contrário do bairro Santa Cecília que é identificado pelas duas ferramentas.

A metodologia desta pesquisa baseou-se na revisão bibliográfica e documental e pesquisa de campo com questões semiestruturadas voltadas para as pessoas dos dois bairros. As entrevistas ocorreram de forma aleatória (chamando as pessoas nas casas ao acaso) e por algumas indicações de outros moradores. Algumas com uso de gravador e outras apenas com anotações no caderno de campo.

1.1 Metodologia

Este trabalho passou por três fases distintas. A primeira constou do levantamento bibliográfico referente à dinâmica urbana atrelada a questões socioambientais.

A leitura de autores como Bezerra (2002), Lall, Mata e Wang (2005) Arguelhes e Costa (2008), Brito e Souza (1998), Fernandes e Pereira (2010), e outros que serão citados no decorrer deste trabalho traçou o caminho de análise do tema proposto. Lall, Mata e Wang (2005), por exemplo, nos trouxeram o entendimento de que as favelas ou os chamados aglomerados estão intrinsicamente ligados ao processo de urbanização do Brasil. Apesar dos bairros em estudo não se caracterizarem como favelas é possível identificar semelhanças com regiões favelizadas, pois “os moradores dessas áreas enfrentam diversas restrições no âmbito econômico, político e social (Lall; Mata e Wang, 2005). O processo de urbanização contém uma dinâmica própria na qual uma população se concentra em um determinado espaço e estabelece relações sociais que se materializam e dão conformação ao espaço físico-territorial urbano (Bezerra 2002). Assim de certa forma a bibliografia estudada apresenta as aglomerações urbanas como funcionalmente e socialmente interdependentes, com relações de articulação e socialização que superam as dificuldades de infraestrutura. E de acordo com Bezerra (2002) podemos dizer que a análise da urbanização encontra-se estreitamente relacionada à problemática do desenvolvimento, que é possível identificar no processo histórico da construção de BH, o traço marcante da exclusão social.

A segunda fase constou da observação participante nos dois bairros, observando o dia a dia dos moradores e identificando seus vários espaços de socialização. Pois através das inter-relações nestes espaços é possível estabelecer situações comuns aos moradores que

delineiam o entendimento de questões socioambientais. Não foi possível observar o domingo por dificuldades do pesquisador, que exerce atividade remunerada aos domingos.

O bairro Santa Cecília apresenta o aspecto de um bairro mais antigo. As moradias são de alvenaria e grande parte delas não possuem reboco. Muitas construções apresentam dois pavimentos. Em muitas casas observadas é possível perceber a falta de janelas, ficando apenas o vão tampado com uma cortina ou toalha de pano. A maioria das ruas do bairro são de terra e somente duas ruas são de calçamento, a rua Santa Luzia que na opinião dos moradores entrevistados é considerada a principal e a rua Santa Catarina. Segundo o morador 4, esses calçamentos não foram realizados pela prefeitura, foram fruto de uma ação conjunta dos moradores da rua que contrataram o serviço de uma empreiteira, há aproximadamente quatro anos.

Percorrendo as ruas do bairro Santa Cecília foi possível identificar as seguintes atividades: 1 Lotérica, 2 imobiliárias, 8 igrejas evangélicas, 14 botecos, 2 salões de beleza, 1 barbeiro, 1 manicure, 1 oficina de bicicleta, 2 lojas de artigos em geral, 3 sacolões, 2 açougues, 2 atelieres de arte e artesanato, 1 terreiro de umbanda, 2 depósitos de gás, 1 armarinho (coisas para costura), 1 vendedora que fabrica e vende peças íntimas, 3 placas de vendedores de chup-chup, 2 escolas municipais da primeira a nona série do ensino fundamental, 1 academia de Muay Thai, 1 alfaiate, 2 lan house, 1 pessoa que vende frango assado em casa, 1 pessoa que vende verduras e legumes limpos e cortados, 1 carrinho de cachorro quente, 2 lanchonetes, 1 restaurante, 1 casa de ração, 1 sorveteria, 1 farmácia, 2 supermercados, 1 posto de saúde e 1 igreja católica. O bairro possui sua associação registrada em cartório desde no ano de 2012. Ao fazer o levantamento destas atividades foi possível perceber várias outras portas e placas que indicavam serem lojas, igrejas, mas que no momento da visita não demonstravam nenhuma atividade. Estas visitas foram feitas em vários momentos do dia sempre procurando fazer-lo de manhã, tarde, fim de tarde e a noite. A distinção entre bar e boteco foi feita a partir do que os moradores entrevistados chamaram de “bar de família”. Assim a aparência desses locais foi fator importante para estabelecer o que é boteco e o que é bar e a partir das entrevistas foi possível estabelecer alguns elementos caracterizadores entre eles. Os elementos apontados por quase todos os entrevistados que caracterizam o bar são: limpeza, organização, mesa com cadeiras, música com volume baixo, claridade no ambiente e banheiro individual para homem e para mulher. E os elementos que caracterizam o boteco são: não possuem mesas e cadeiras, apenas balcão, não possuem banheiro individual, penumbra, sinuca e jogos de cartas.

Figura 2: Foto de uma das ruas Bairro Santa Cecília



A construção verde é a Escola Municipal Antônio Izidoro de Paula, que oferece aulas até do 1º ao 9º ano, e possui capacidade para 200 alunos. Fonte: Alcides Junio. Data: Abril de 2014.

Figura 3: Foto de uma das várias casas no mesmo estilo no bairro Santa Cecília



Fonte: Alcides Junio. Data: Abril de 2014.

O bairro São Pedro também apresenta suas moradias em alvenaria, porém, ao contrário do bairro Santa Cecília, em São Pedro quase todas as casas observadas possuem acabamento com reboco e pintura. Este fato pode ser explicado pelo fato de que a maioria das casas do bairro são feitas por construtoras e são entregues com o acabamento finalizado. Algumas ruas do bairro possuem pavimentação asfáltica, realizadas pelos próprios construtores.

Normalmente estas pavimentações são feitas na entrada do bairro e são uma forma de atrair futuros compradores que ficam na expectativa de asfaltarem todas as ruas².

Percorrendo as ruas do Bairro São Pedro, foi possível perceber as diversas atividades e estabelecimentos existentes. Identificamos funcionando: 2 lanchonetes, 2 padarias, 8 salões de beleza, 5 bares, 2 botecos, 1 farmácia, 1 açougue, 3 mercearias, 3 lojas com artigos em geral, 1 escola de ballet, 1 escolinha infantil particular, 2 imobiliárias, 2 cuidadoras de crianças, 1 pessoa que faz salgados para vender, 2 pessoas que trabalham com manicure e pedicure, 4 igrejas evangélicas, 1 topa-tudo, 1 pessoa que vende chup-chup e bombom. No bairro não existe nenhum equipamento público, como posto de saúde e escola, sendo utilizado o serviço do bairro vizinho e somente agora (momento da pesquisa) é que os moradores se organizam na tentativa de estruturarem uma associação do bairro.

² Informação repassada por um corretor da região que não quis gravar entrevista.

Figura 4: Foto mostrando a entrada do bairro São Pedro



Fonte Alcides Junio. Data: Abril de 2014.

Figura 5: Foto mostrando casas que seguem o mesmo padrão de construção no bairro São Pedro



Fonte: Alcides Junio. Data: Abril de 2014.

Figura 6: Foto mostrando o bar do Ney no bairro São Pedro



Este bar foi citado por vários entrevistados como local de socialização e lazer. Fonte: Alcides Junio. Data: Abril de 2014.

A segunda fase do trabalho permitiu identificar essas movimentações e relações sociais, e foi quando foram realizadas as entrevistas com os moradores dos bairros Santa Cecília e São Pedro. A terceira e última fase consistiu na compilação dos dados coletados e na construção do saber na forma desta monografia.

As entrevistas tiveram como objetivo principal identificar quem são os moradores, o que fazem, se são nascidos na região e o que pensam sobre a infraestrutura dos bairros em que moram. As entrevistas ocorreram nas casas das pessoas na parte externa da casa (garagem, varanda, quintal), com gravador (celular), quando permitido, e anotações no caderno de campo; foram individuais, sem a presença de outras pessoas. Foram entrevistados onze moradores, sendo cinco do bairro Santa Cecília e seis do bairro São Pedro. Apenas o morador 4 não se importou de ser identificado e todos os outros pediram para não ter o nome exposto na monografia. Assim, para facilitar a transcrições das entrevistas e manter o anonimato dos entrevistados elaborei a tabela enumerando cada entrevistado como morador 1, 2, 3 e assim sucessivamente. A escolha dos entrevistados partiu do meu contato com o morador 4, que foi me apresentando alguns pontos de socialização dos bairros e também de entrevistas aleatórias com pessoas que eu encontrava em meus percursos de pesquisa. Conversas no dia a dia com os moradores sem o registro do gravador também contribuíram para compreender questões que permeiam a temática socioambiental nos dois bairros.

Os dados compilados a partir das entrevistas possibilitaram estabelecer alguns aspectos positivos e negativos dos bairros, conforme apresentado a seguir:

Tabela 1: Síntese dos aspectos positivos e negativos citados nas entrevistas, nos bairros Santa Cecília (SC) e São Pedro (SP).

	Bairro	Casa Própria	Aspectos Positivos	Aspectos Negativos	Tempo
Morador 1	SC	S	Tranquilidade; Preço acessível do móvel;	Pouca Infraestrutura	10 anos
Morador 2	SC	S	Tranquilidade; Preço acessível do imóvel;	Fossa; Posto Médico;	13 anos
Morador 3	SC	S	Tranquilidade;	Rua sem pavimentação; Água correndo na rua;	8 anos
Morador 4	SC	S	Tranquilidade; Preço acessível do imóvel;	Rua sem pavimentação; Falta de lazer;	6 anos
Morador 5	SC	S	Tranquilidade; Preço acessível do imóvel;	Transporte público; Saneamento básico; Rua sem pavimentação;	5 meses
Morador 6	SP	S	Tranquilidade; Boa vizinhança; Proximidade do comércio;	Transporte público; Distância de BH;	11 meses
Morador 7	SP	S	Tranquilidade; Preço acessível do imóvel;	Saneamento; Rua se pavimentação;	9 meses
Morador 8	SP	S	Tranquilidade;	Pavimentação das ruas;	7 anos
Morador 9	SP	S	Tranquilidade; Boa vizinhança;	Passagem cara;	11 anos
Morador 10	SP	S	Tranquilidade;	Rua sem pavimentação; Falta de rede esgoto; Morosidade da prefeitura;	10 anos
Morador 11	SP	S	Preço acessível do imóvel;	Rua sem pavimentação; Posto médico;	4 anos

Tabela nº1: Tabela elaborada a partir da pesquisa de campo nos bairros em estudo, 2014. Fonte: Compilação de dados de pesquisa.

Até o momento da pesquisa de campo deste trabalho, não obtive na Prefeitura de Esmeraldas dados oficiais registrando o surgimento e crescimento dos bairros. Ao conversar com servidores da Prefeitura, eles informaram que isso talvez decorra das várias construções irregulares e da falta de fiscalização, que não permitem realizar tais registros. Nem mesmo conseguimos registros cadastrais dos moradores no posto de saúde localizado no bairro Santa Cecília, na tentativa de identificar os moradores mais antigos. Segundo o enfermeiro que me atendeu solícito, “o posto não possui computador, é tudo no papel e papel sempre se perde”. Mas em conversas com os moradores é possível identificar o rápido crescimento populacional da região.

A partir das entrevistas foi possível identificar alguns pontos congruentes entre os moradores e assim foi possível avançar para terceira fase da pesquisa. O resultado final na forma desta monografia será entregue aos moradores entrevistados e à Secretaria da Prefeitura de Esmeraldas na tentativa de contribuir para possíveis reivindicações de melhorias e reformulação de políticas públicas.

2 BREVE RELATO DA ROTINA DOS BAIRROS

Pela manhã por volta das 5h e 30min é como se os bairros acordassem. Começa a partir dessa hora um barulho intenso de carro, barulho de portão e latidos de cachorro. No ponto de ônibus localizado em Santa Cecília em vários dias intercalados de observação contei de quinze a vinte e cinco passageiros esperando o ônibus com destino a BH, sem contar os que já estavam dentro, por terem entrado no ponto final também em Santa Cecília, porém localizado a três quarteirões do ponto observado. A concentração de pessoas é grande devido haver ponto de ônibus somente em Santa Cecília, assim os moradores de São Pedro precisam se deslocarem para fora do bairro. O local do ponto é o mesmo para os dois bairros. É muito escuro, não existe nenhuma iluminação pública ou de qualquer outro estabelecimento. Está localizado na rodovia estadual MG432 próximo a grandes árvores de eucaliptos que servem de referência para quem deseja vir até os bairros e no percurso de Belo Horizonte até os bairros ou do centro de Esmeraldas até os bairros não encontramos nenhuma placa informativa sobre a localização dos bairros. No ponto alguns moradores carregam lanternas para iluminarem onde pisam. O movimento de passageiros no ponto é intenso até às 7h e após essa hora quase não se encontram passageiros ali. Não identificamos nas horas observadas nenhuma atividade comercial de vendedores ambulantes. O comércio abre às 9h e durante todo o dia é possível ver pessoas caminhando com destino variado. O movimento nos bairros intensifica a partir das 17h quando as pessoas começam a retornar dos seus trabalhos e as crianças chegam da escola. Mas foi a partir das 20h, durante os dias de semana, que foi possível observar um maior contingente de passageiros descendo do transporte público e seguindo para seus lares, uns para padaria, bar, etc.. Muitos desses passageiros foram os mesmos observados pela manhã. Os bares e botecos estavam abertos todos os dias observados e com bastante frequentadores e quase não se viu mulheres nesses ambientes.

Esta movimentação no ponto de ônibus foi observada em todos os dias da semana alterando apenas no sábado, onde a movimentação de passageiros foi menor. O período de 9 às 17 horas, e de 21 às 5 horas da manhã são os mais tranquilos e de fato reforçam a fala de muitos moradores que ressaltam como ponto positivo a tranquilidade da região. Nos dias de sábado a movimentação nos bairros é intensa e aparecem comerciantes ambulantes em toda parte com venda de verduras, DVD's, artesanatos em geral, dentre outras coisas. O bairro agita-se com barulho de pessoas, carros de som fazendo propaganda e por todo lado observa-se placas oferecendo promoções. Esta movimentação vai até aproximadamente 13 horas, para

então os bairros retornarem à tranquilidade peculiar, apontada por todos moradores como a ausência de barulhos. Este é um dos aspectos da percepção socioambiental que eu mesmo percebi enquanto pesquisador e frequentador do bairro Santa Cecília desde meados de 2011. Nesse período ficava em trânsito entre a casa dos meus pais em Belo Horizonte e um conhecido no bairro Santa Cecília. Minha mudança efetiva para região se deu em abril de 2014 quando me casei e viemos residir no bairro Santa Cecília.

Figura 7: Foto do local destinado ao ponto de ônibus comum aos dois bairros



Fonte: Alcides Junio. Data: Abril de 2014.

3 A DINÂMICA URBANA E SEUS COMPLICADORES

Pensar a dinâmica urbana de Belo Horizonte nos leva a questionar a questão habitacional da cidade. Já no começo da formação da cidade a situação precária dos empregados em sua construção contribuiu para desigualdade que se vê nos dias atuais. De acordo com Fernandes e Pereira (2010):

(...) dados recentes da Prefeitura de Belo Horizonte [informam que], 364.282 pessoas vivem em favelas e vilas classificadas como Zona Especial de Interesse Social (Zeis), correspondendo a 22,33% da população total e 5% da área total do município. Há 179 favelas (Zeis) e 22 conjuntos habitacionais favelizados (Zeis), bem como 28 loteamentos anteriores a 1979, parcial ou totalmente irregulares e 76 loteamentos posteriores a 1976, parcial ou totalmente irregulares, compreendendo 10% do território do município. O déficit habitacional é de 50 mil moradias. (FERNANDES E PEREIRA, 2010 p. 173).

Ou seja, até o ano de dois mil e dez 22,33% da população total vivem em regiões favelizadas (FERNANDES E PEREIRA, 2010). Também sob a perspectiva de Arguelhes e Costa (2008), Belo Horizonte já nasce como uma cidade segregada, conforme afirmam:

Nos casos brasileiro e francês, percebe-se a intenção da elite, do grupo dominante, em construir ou remodelar, respectivamente, o espaço urbano a fim de determinar a vida de seus habitantes, furtando-lhes a possibilidade de dissimulação, de manter segredos, de subtrair-se aos olhos dos outros. A lógica racional e simétrica de uma cidade planejada manifesta tudo de modo muito objetivo, quer mostrar sua real intenção de ordenar, dividir, separar, agregar, estabelecer lugares e disposições aos seus habitantes, tentando manipulá-los cotidianamente. (ARGUELHES e COSTA, ano, p,8)

Além do claro processo de que BH foi feita para a elite mineira, seu desenvolvimento atrelado à industrialização fez a cidade, em menos de 100 anos, tornar-se “(...) uma metrópole com mais de 2,5 milhões de habitantes, apresentando alta importância para a economia do país” (LASCHEFSKI, 2008, p.2). O desenvolvimento da capital de MG estimulou investimentos para a “(...) mineração, na metalurgia, na siderurgia e na fabricação de máquinas, de automóveis e demais indústrias pesadas” (LASCHEFSKI, 2008, p.2). Dentre as consequências negativas desse processo apontadas por Klemens Laschefschi (2008), nos ateremos à “urbanização descontrolada” que culminou na criação da RMBH em 1973 (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2014)) à qual Esmeraldas foi incorporada 16 anos depois, em 1989. A criação das Regiões Metropolitanas no Brasil ocorreu:

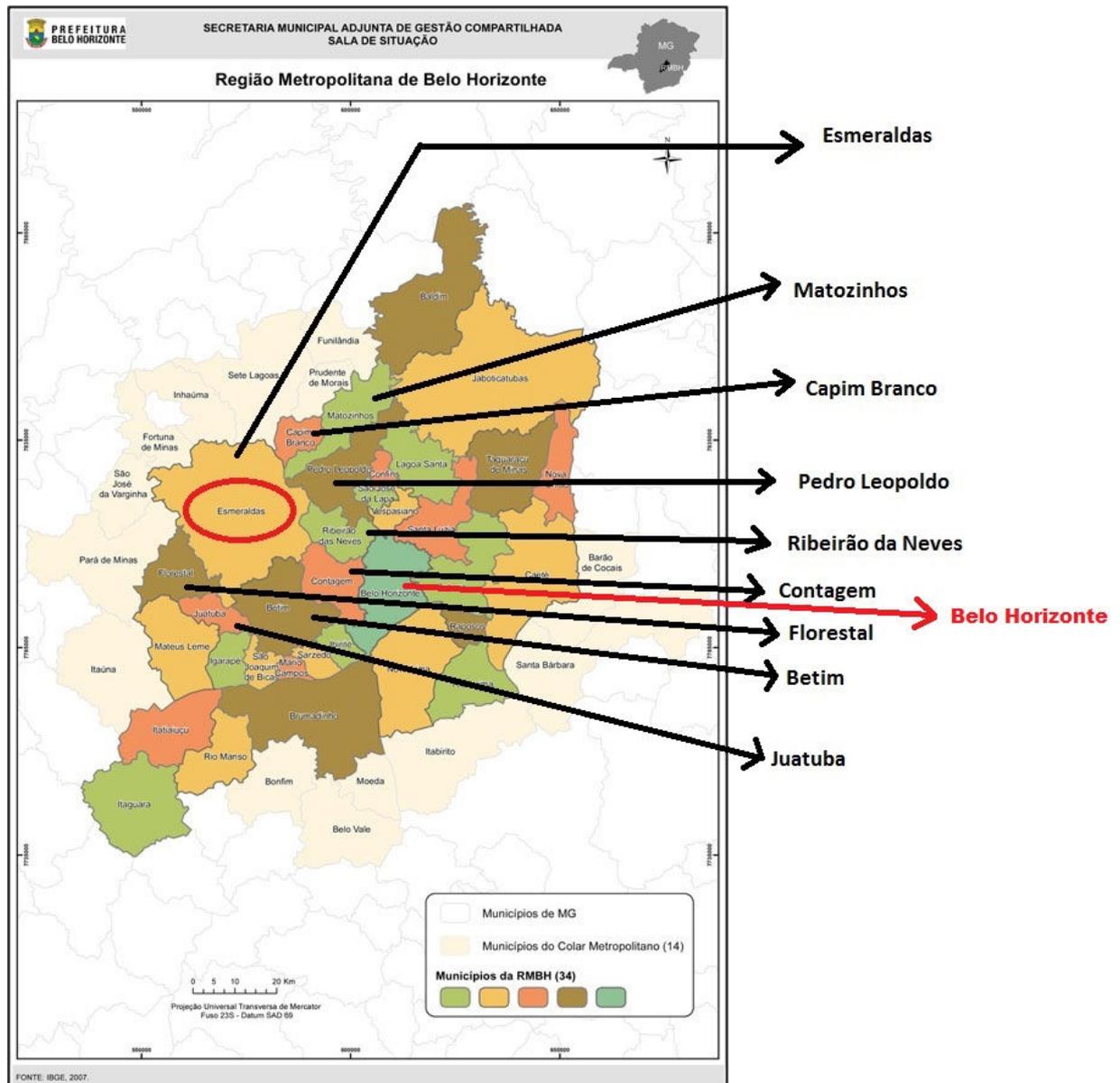
(...) por meio da Lei Complementar Federal nº 14,[08 de jun/2014] que instituiu 9 regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Fortaleza e Belém. A criação destas aglomerações metropolitanas surgiu da necessidade de se resolver um conjunto de problemas que ultrapassavam a competência política das esferas de poder municipais. (RMBH A REGIÃO QUE HABITAMOS II, 2013. p.7)

A urbanização descontrolada é um grande desafio para os gestores públicos, pois implica a necessidade de oferecer os aparatos técnicos e políticos, levando em consideração gestões administrativas distintas, para que o cidadão tenha condições de viver dignamente em sua cidade.

O surgimento da cidade de Esmeraldas está atrelado à busca de minerais preciosos na região, através do bandeirante Fernão Dias Paes Leme, em meados do século XVII. Originalmente Vila de Santa Quitéria “pelo Decreto-lei estadual n.º 1,058, de 31 de dezembro de 1943, (...), em 1953 o município de Santa Quitéria passou a denominar Esmeraldas”³. A cidade está localizada a aproximadamente 60 quilômetros de Belo Horizonte e tem como limite as cidades de Betim, Contagem, Ribeirão das Neves, Sete Lagoas, Pedro Leopoldo, Matozinhos, Juatuba, Florestal, Capim Branco, Cachoeira da Prata e Fortuna de Minas. O território tem área de 943 km² e é banhado pelo Rio Paraopeba, sendo, dentro dos municípios que compõem a RMBH, um dos maiores em extensão territorial (ver Figura 8). Atualmente sua economia está centrada na pecuária leiteira e na produção de hortigranjeiros e também em pequenos comércios. (IBGE Cidades) Os bairros estudados estão localizados há aproximadamente quinze quilômetros do centro da cidade, tendo como referência a Prefeitura.

³ Fonte: Disponível em: <<http://www.camaraesmeraldas.mg.gov.br/site/>>, acessado em 13/01/2014.

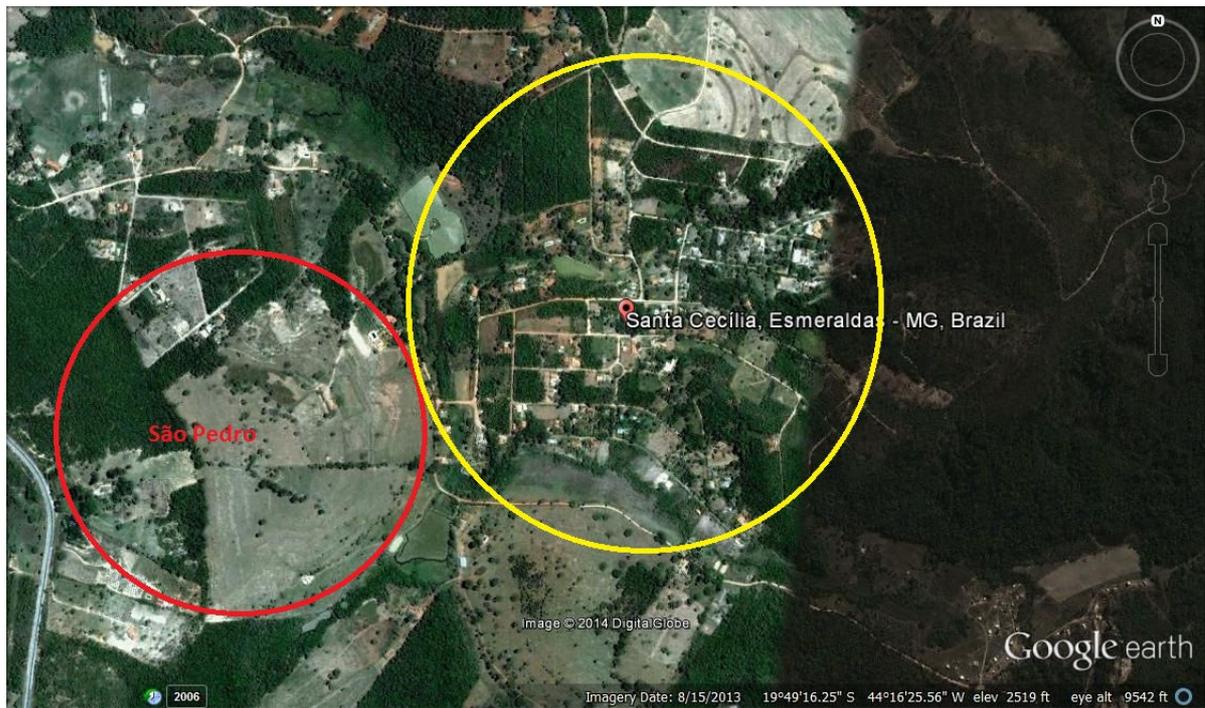
Figura 8: Figura do Mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte com destaque na cidade de Esmeraldas e BH.



Fonte: <http://metropolitana.mg.gov.br/as-regioes-metropolitanas-de-minas-gerais/rmbh>

Na Figura 9 vê-se circundado de vermelho o bairro São Pedro ainda sem muitas construções habitacionais. Infelizmente a ferramenta de pesquisa geográfica GoogleEarth não possui foto de satélite atualizada. E a área circundada de amarelo é a localização do bairro Santa Cecília.

Figura 9: Foto via satélite com destaque dos bairros São Pedro e Santa Cecília



Fonte: GoogleEarth, maio de 2014.

4 DINÂMICA URBANA E PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL

A RMBH tem se destacado em relação a Minas Gerais pelo seu alto crescimento populacional (RMBH A REGIÃO QUE HABITAMOS, 2010). A partir de Brito e Souza (1998) podemos perceber que o crescimento econômico nas grandes capitais vai refletir na dinâmica populacional das Regiões Metropolitanas. A mobilidade torna-se viável a partir do momento que é possível um sistema viário que ligue a capital às cidades metropolitanas, visto que grande parte dos empregos ainda se concentra nas capitais. O crescimento populacional que vem ocorrendo nestas regiões é denominado por Brito e Souza (1998) como “periferização”, que vem a ser o “fenômeno caracterizado pelo crescimento mais acelerado da população dos municípios periféricos comparativamente ao ritmo de crescimento populacional do município central” (BRITO e SOUZA, 1998, p.5). E este crescimento vem acompanhado da falta de muitos recursos básicos de infraestrutura urbana que são necessários para manutenção do cotidiano das pessoas, como precariedade dos transportes, saneamento básico quase inexistente em muitas regiões, poucas escolas, creches, etc. (BRITO e SOUZA, 1998) Na tabela número 2 destacamos o crescimento da cidade de Esmeraldas comparando com Minas Gerais e o Brasil.

Tabela 2: Evolução Populacional 1991-2010 – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE-Cidades)

Ano	Esmeraldas	Minas Gerais	Brasil
1991	24.298	15.743.152	146.825.475
1996	33.152	16.567.989	156.032.944
2000	47.090	17.891.494	169.799.170
2007	55.436	19.273.506	183.987.291
2010	60.271	19.597.330	190.755.799

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010.

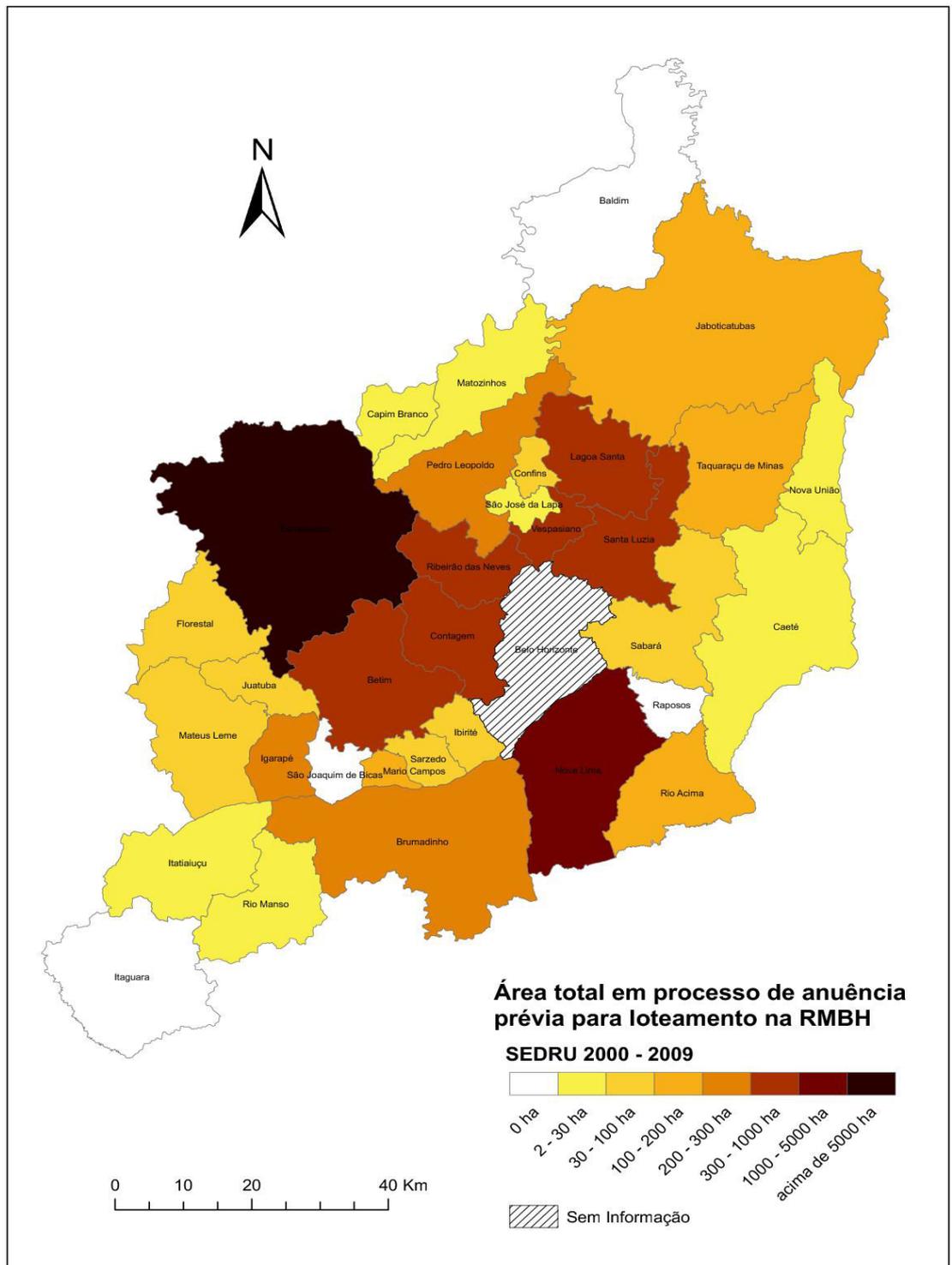
Internamente, a RMBH tem se destacado como uma importante região de atração populacional, atraindo um grande número de migrantes intraestaduais e interestaduais, mesmo naqueles períodos em que Minas Gerais apresentou perdas líquidas populacionais em relação a outros estados brasileiros. (SOUZA e BRITO, 1998 p. 2)

A tabela acima indica o reflexo do movimento migratório intraestadual em MG na cidade de Esmeraldas. A taxa de crescimento 2000-2010 foi de 27,99% (IBGE) e todos os entrevistados nesta pesquisa mencionaram não serem naturais da cidade e que decidiram adquirir o imóvel na região pelo preço baixo em comparando com Belo Horizonte.

Esmeraldas, de acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI) da RMBH, juntamente com Ribeirão das Neves, desponta entre as RMBH como as que mais tiveram pedidos de parcelamentos de lotes para pessoas de baixa renda. Esmeraldas teve um pedido total acima de 5 mil hectares (ver Figura 10), muito superior a outras regiões. Contudo, cabe ressaltar, conforme afirma o próprio PDDI, a precariedade destes parcelamentos.

(...) a noroeste [da RMBH], os municípios de Esmeraldas e Ribeirão das Neves são os mais comprometidos com a implantação de parcelamentos precários voltados para a população de baixa renda, sendo que Esmeraldas, nos últimos dez anos, teve um surpreendente volume de pedidos de anuência para novos parcelamentos, com área quatro vezes superior a Nova Lima, segundo colocado em quantidade de área a ser parcelada. (PDDI, 2011, p. 56)

Figura 10: Figura do Mapa registrando pedido de loteamentos da RMBH.



Fonte: PDDI, 2011, p.60.

Para examinar a pobreza e a desigualdade social utiliza-se o conceito de “linha da pobreza”. No Brasil, não existe uma linha oficial de pobreza, conceitualmente, um nível de renda baixo do qual as pessoas sejam consideradas legalmente pobres para receber os benefícios públicos. Muitos pesquisadores adotam critérios distintos para fazer suas avaliações. (FERRAZ, 2008, p.10)

E por isso a definição de baixa renda que utilizaremos neste trabalho é a do Ministério do Desenvolvimento Social do Governo Federal que estabelece “que são aquelas com renda familiar mensal per capita de até meio salário mínimo e as que possuam renda familiar mensal de até três salários mínimos” (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, acessado em 06 de maio de 2014).

Ter um baixo rendimento financeiro pode gerar uma vida com algumas dificuldades, porém este fator não justifica alguns tipos de privações (acesso a moradias, saneamento básico, educação, saúde, etc.) a que as pessoas dentro desta definição estão sujeitas.

E de modo geral a partir das conversas realizadas nos bairros em estudo os moradores valorizam e desejam morar em um lugar digno e decente que possibilite o fácil acesso a moradia própria, qualidade no atendimento do serviço de saúde, qualidade do ensino educacional para as crianças, transporte público de qualidade e que corresponda ao alto valor das passagens, enfim, uma série de fatores que permeiam as questões da dinâmica urbana.

Em estudo realizado em dois grupos populares em Porto Alegre Scalco e Pinheiro (2010) identificam que “o consumo deve ser tratado como uma forma de agência, empoderamento e cidadania” (SCALCO e PINHEIRO, 2010, p.325). Apesar desta pesquisa não focar os hábitos de consumo dos moradores da região estudada, é possível dizer que as pessoas que moram em casas ou barracões alugados se sentem constrangidos em relação aos moradores que possuem casa própria, e ainda não possuem estímulos para fazer melhorias no ambiente “nossa casa é feia por fora, porque eu não vou arrumar barracão que não é meu⁴”. E cabe ressaltar que a contemplação do financiamento imobiliário aparece também como um bem distintivo entre aqueles que não possuem moradia. “É nosso sonho ter nossa casa. Pagar aluguel é um dinheiro jogado fora, mas fazer o que né? Inveja não tenho não, mas queria tá no lugar deles (pessoas que financiaram a casa própria)⁵”

⁴ Diálogo com um morador de um barracão alugado no bairro Santa Cecília.

⁵ Morador de um barracão alugado no bairro Santa Cecília. Entrevista não gravada.

Contudo não podemos por causa de uma definição do governo enquadrar a pobreza em limites financeiros. Pensar em pobreza também implica pensar na subjetividade do próprio objeto em questão. A partir das minhas observações em campo e da leitura de Scalco e Pinheiro (2010) percebemos que a pobreza deve ser vista e estudada por uma

(...) perspectiva mais abrangente – a de cultura (s) popular (es) – a qual não é definida apenas pelo capital econômico (poder de compra ou salário mínimo), mas também pelo capital simbólico e social (*ethos, habitus* e estilo de vida), segundo categorias bourdianas (Bourdieu, 2001, 2008). (SACALCO e PINHEIRO *apud* BOURDIEU, 2001, 2008. 2010 p.327)

Assim as sensações de tranquilidade, a possibilidade de visitar os parentes, a possibilidade de adquirir a casa própria e outros sentidos valorativos dados pelos moradores entrevistados apontam para questões além do financeiro, mostrando que o “capital simbólico” é muitas vezes definido e vivenciado diferentemente por diversas práticas de cultura. Enquadrar a pobreza em quantidades de salários é limitar as várias percepções que as pessoas possuem no uso do dinheiro.

A pesquisa mostrou até o momento que as pessoas entrevistadas que possuem casa própria fogem do padrão de baixa renda mencionado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e que apesar das regiões em estudo se assemelharem com regiões favelizadas (BRITO e SOUZA, 1998) seus moradores possuem renda acima de três salários mínimos (Ver Tabela 3).

Tabela 3: Profissão e Renda Familiar dos Moradores Entrevistados na Pesquisa.

	Profissão	Renda Familiar
Morador 1:	Pensionista	R\$3420,00
Morador 2	Autônoma	R\$3000,00
Morador 3	Autônomo	R\$4500,00
Morador 4	Autônomo	R\$3000,00
Morador 5	Psicóloga	R\$3500,00
Morador 6	Pedagoga	R\$2800,00
Morador 7	Professora em 2 escolas	R\$3868,00
Morador 8	Autônomo	Não quis mencionar
Morador 9	Aposentado	R\$3000,00
Morador 10	Dona de casa	Não soube dizer
Morador 11	Dona de casa	Não quis mencionar

Fonte: Alcides Junio. Elaborado a partir dos dados coletados em campo. Data: Abril de 2014.

Não se nega aqui o direito a moradia dos trabalhadores que ultrapassam os rendimentos estabelecidos pelo MDS, pois em suas próprias opiniões não se consideram ricos, são trabalhadores que se esforçaram para atingirem a renda mencionada. Contudo ressalta-se que as políticas sociais para inserir as pessoas de baixa renda no mercado consumidor, não tem suprido o principal desejo da casa própria.

Muitos desses moradores e conforme foi possível observar, exercem alguma atividade profissional em Belo Horizonte. De acordo com OJIMA *et al.* (2010) podemos afirmar que a cidade de Esmeraldas possui características de cidade dormitório, pois “uma das evidências empíricas que caracterizariam a essência das “cidades-dormitório” é o fato de que essas seriam cidades que possuem importantes contingentes de sua população economicamente ativa trabalhando fora do município” (OJIMA et al, 2010, p. 6). De acordo com o IBGE-Cidades, no último censo demográfico de 2010, o município de Esmeraldas possuía 33% de sua população total exercendo o “trabalho principal” em outro município (IBGE-Cidades,

2010, acessado em maio de 2014). A partir da pesquisa de campo é possível pensar que existe um número maior de pessoas que trabalham fora do município, pois verificamos atividades informais, como diaristas, pedreiros e pintores atuando fora da cidade. Sem contar a maioria dos moradores entrevistados que residem há pouco tempo na região e que trabalham em Belo Horizonte e conseqüentemente não entraram nas estatísticas do censo de 2010 na região estudada.

Os bairros Santa Cecília e São Pedro, localizados na cidade de Esmeraldas apresentam características do processo de periferização acima mencionado. São bairros pobres e com infraestrutura ainda precária, mas que atendem seus moradores possibilitando-os adquirirem sua moradia própria. Dentre os problemas de infraestrutura que ocorrem em bairros de periferia e favelas, Motta (2011) destaca lutas e reivindicações por parte dos moradores para:

(...) melhorias do sistema de saneamento (redes de abastecimento de água eficientes, redes coletoras de esgoto, canalização e recuperação de córregos devido a enchentes constantes); dos transportes (asfaltamento e abertura de vias, implantação ou melhoria de linhas de ônibus); da instalação de rede elétrica, por exemplo. Essas lutas revelam que a segregação espacial, além de acentuar a distância entre a cidade “formal” e a cidade “informal” (loteamentos clandestinos, favelas, ocupações), expressa uma lógica que tenta transformar certos espaços em regiões “invisíveis”, ignorando que eles fazem parte da cidade real. (MOTTA, 2011, p. 10)

A partir das entrevistas realizadas com os moradores foi possível estabelecer alguns fatores que levam as pessoas a procurarem estas regiões. Podem-se destacar as condições econômicas dos indivíduos, a facilidade de financiamento imobiliário, e a facilidade do acesso ao transporte até a capital, que possibilita manter o emprego em Belo Horizonte. Conforme se lê nos trechos de algumas entrevistas, os moradores mencionam alguns dos motivos de mudarem para RMBH:

“Pra você ter uma ideia onde morava olhei umas casas e apartamentos e tudo na faixa de trezentos a trezentos e cinquenta mil. Aqui comprei minha casa por cento e quarenta mil” (ENTREVISTA MORADOR 7, 2014)

“Foi onde meu dinheiro deu pra comprar” (ENTREVISTA MORADOR 4).

Nestas condições os bairros em estudo tendem a apresentar as precariedades apontadas por BRITO E SOUZA (1998, p.11), pois “os fluxos emigratórios de Belo Horizonte para os vetores Oeste, Norte Central, Leste e Sudoeste são mais homogêneos em sua constituição, isto é, são formados basicamente por pobres”. Porém cabe ressaltar que a partir da pesquisa

percebe-se que não são as pessoas de baixa renda, conforme define o Ministério do Desenvolvimento Social, que estão adquirindo imóveis na região. São nessas localidades que o acesso à casa própria deveria estar acessível para pessoas de baixa renda,

A esse respeito é interessante considerar, ainda, que essa mobilidade populacional tem se revelado uma importante estratégia de sobrevivência para um grande número de indivíduos, pois se por um lado residir em municípios periféricos reflete o intenso processo de seletividade excludente no grande centro urbano, por outro lado essa residência representa praticamente a única possibilidade de continuar inserido no mercado de trabalho metropolitano. (BRITO E SOUZA, 1998 p. 6)

Porém na maioria dos casos verificados as pessoas que estão adquirindo os imóveis nos bairros possuem renda mínima acima de três salários mínimos, ou seja, superior ao que é estabelecido pelo MDS. O salário mínimo vigente é R\$724,00 (setecentos e vinte quatro reais), então de acordo com o MDS para simulação até esta data, para ser considerado baixa renda é preciso que a família tenha renda per capita de até R\$362,00 (trezentos e sessenta e dois reais) ou renda familiar mensal de até R\$2172 (dois mil cento e setenta e dois reais). A dificuldade que as famílias que recebem até três salários encontram são que muitas vezes acabam ficando de fora de programas habitacionais. Um exemplo é o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) do Governo Federal, “lançado em abril de 2009 com a meta de construir um milhão de moradias, totalizando R\$ 34 bilhões de subsídios para atender famílias com renda entre 0 a 10 salários mínimos” (MOTTA, 2011, p.8). O PMCMV estabelece duas formas diferenciadas de financiamento um para famílias com renda até três salários e outro para famílias com renda até dez salários (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2014). O que se vê na região de estudo são construções que atendem padrões de renda acima da definição dada pelo Ministério do Desenvolvimento Social, pois muitos corretores da região afirmam que tem vendido casas para famílias com renda acima de três mil reais. “Quando um casal chega até nós, e no caso só o marido trabalha, e a renda não chega nem em dois mil (reais), ele vai precisar de uma entrada muito alta⁶”.

Isso decorre da iniciativa privada que na maioria dos empreendimentos imobiliários são as captadoras dos subsídios do Governo Federal, e por isso grande parte dos imóveis construídos estão voltados para renda acima de 3 salários mínimos (MOTTA, 2011), como é o caso dos bairros em estudo. Para aqueles que possuem renda familiar de até três salários mínimos e queiram adquirir a casa própria através do PMCMV devem aguardar que o

⁶ Fala de um corretor de uma imobiliária localizado no bairro Santa Cecília.

município ceda o terreno para construção de moradias que atendam o padrão socioeconômico “baixa renda” (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2014).

Os moradores antigos afirmam que antes era mais fácil comprar um lote para construir, pois o imóvel era mais barato, mas quando começaram a vender casas prontas o acesso a moradia ou a aquisição de um lote para construção ficou ainda mais complicado. No trecho da entrevista a seguir é possível ver traços da especulação imobiliária na região:

“Pro ce ter uma ideia lote vago aqui hoje ta valendo noventa mil. E era mais barato antes? Bem mais. Meu marido pagou aqui dois mil. Não sei o porquê disso, mas esses construtores descobriram Esmeraldas e estão enchendo aqui dessas casas geminadas” ENTREVISTA MORADOR 10).

A partir disso o que sobra para os trabalhadores com renda até três salários é buscar regiões mais distantes onde o preço tende a ser mais barato ou então pagar aluguel nos barracões que ainda existem na região.

É possível identificar em Santa Cecília construções denominadas pelos moradores de barracões. Que são normalmente moradias com “três cômodos”, um banheiro, uma cozinha pequena, e um quarto grande que serve de sala e dormitório. Em um lote de 360 metros quadrados (tamanho padrão da região estudada) podemos ter construções de três a quatro barracões sendo que uma normalmente é destinada para o proprietário do imóvel. Na opinião dos moradores o barracão tende a ser desconfortável e na maioria sem privacidade, pois muitas vezes a parede de um quarto é a divisa para outro barracão com outra família. Para muitos moradores o diferencial de morar em uma casa é que ela quase sempre possui acabamento (reboco e pintura) e possibilita maior conforto e privacidade dentro do lar. No bairro São Pedro não foi possível identificar construções com as características acima mencionadas, apresentando construções padronizadas de casas geminadas.

A distância de apenas um quarteirão entre os bairros, sendo divididos pela rua Santa Luzia em Santa Cecília, faz com que muitos serviços sejam concentrados em um bairro. É o exemplo do serviço de saúde, que se concentra apenas em um posto médico, que atende os bairros estudados e outros na região. Conversando com os entrevistados, nenhuma das casas de ambos bairros possui atendimento da rede esgoto. Os resíduos gerados por uma família são escoados para fossa sanitária, quando existente.

A questão habitacional está intrinsicamente ligada a outros fatores que não só a moradia e de acordo com MOTTA (2011)

Quando falamos do problema da habitação e de lutas e movimentos sociais a ela relacionados, logo pensamos na falta de moradias, esquecendo que essa questão tem outras facetas e reivindicações, como as condições de infra-estrutura urbana (saneamento, transporte etc.) e a forma de implantação de obras de urbanização. (MOTTA, 2011, p.9)

Foram justamente questões de rede esgoto, pavimentação, transporte público e outras questões socioambientais que os moradores do bairro apresentaram nas entrevistas. Nos trechos que seguem estão retratadas algumas insatisfações e desejos dos moradores:

“Precisamos de asfalto, rede esgoto, (...).Dona (...) deixa eu perguntar uma coisa pra senhora. É que eu tenho ouvido muitas pessoas e queria saber o que a senhora acha do uso de fossa. A senhora acha que a fossa é um problema? A rede esgoto é bem melhor né meu filho. Nesses onze anos que estou aqui precisei chamar o caminhão da fossa umas quatro vezes. O problema é o fedor que fica no ar quando eles estão esvaziando. Então acho que é um problema sim. Porque meu marido diz que tem lugar que é muito mais pobre, muito mais afastado que a COPASA já levou o esgoto. Esmeraldas ta crescendo demais, desde quando vim pra cá, nossa senhora, mudou gente demais” (ENTREVISTA MORADOR 1);

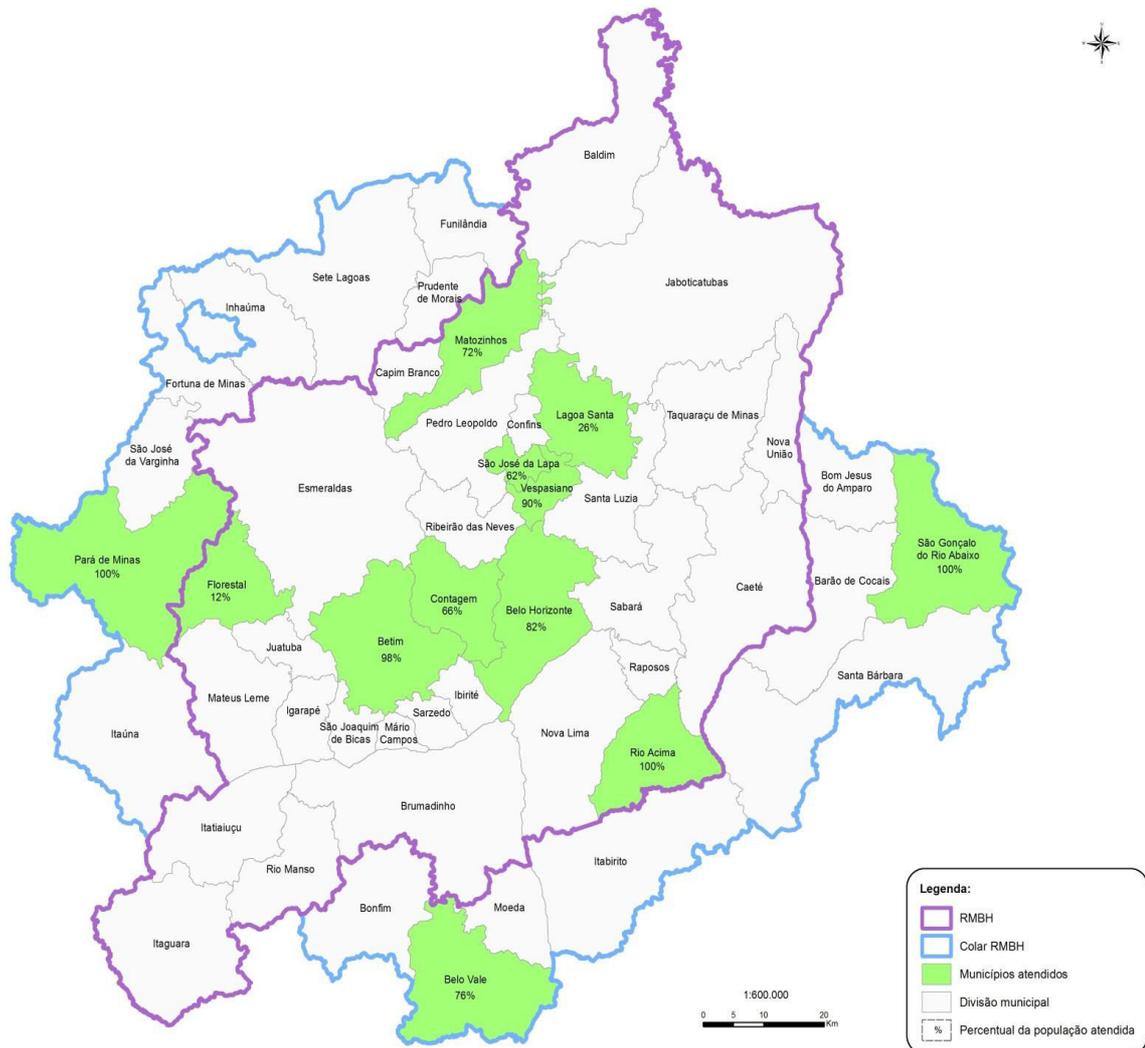
“De ruim é a fossa e a rua sem pavimentação” (ENTREVISTA MORADOR 7);

“(…) temos a falta de saneamento básico, em longo prazo podemos ter problemas com a fossa; a falta de pavimentação das ruas; a necessidade de melhorias no transporte público (...)” (ENTREVISTA MORADOR 5).

Outro morador aponta para necessidade de espaço de lazer “Talvez o que acho de mais negativo é a falta de uma praça arborizada, bem iluminada para as pessoas conversarem. Alguma coisa atrativa para as crianças, algo mais ligado a natureza” (ENTREVISTA MORADOR 4)

De acordo com a Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA MG) o município de Esmeraldas não possui atendimento de esgoto sanitário e conseqüentemente não existe tratamento sanitário (ver Figura 11)

Figura 11: Percentagem da população atendida por esgotamento sanitário-2013



Fonte: FEAM apud RMBH A REGIÃO QUE HABITAMOS II

Outro problema apontado pela falta de saneamento nos bairros é uma constante água suja que escorre pela rua, de acordo com o Morador 4 “Com certeza se tivesse esgoto aqui não veríamos essa água escorrendo na rua” (ver Figura 12 e 13).

Figura 12: Foto da rua Santa Luzia no bairro Santa Cecília registrando a “água que escorre na rua”



Fonte: Alcides Junio. Abril de 2014.

Figura 13: Foto da avenida 2 no bairro São Pedro registrando a “água que escorre na rua”



Fonte: Alcides Junio. Abril de 2014.

Todos os entrevistados foram afirmativamente unânimes quando questionados sobre o desejo da rede de esgoto na região.

Outro aspecto bastante recorrente nas entrevistas feitas nos dois bairros, foi a questão da distância dos bairros em relação a Belo Horizonte, e como isso se relaciona à sociabilidade dos moradores. Pela distância dos bairros de Belo Horizonte, muitas vezes o valor da passagem dificulta a visita constante dos familiares que também não residem na RMBH. A maioria dos entrevistados declara que são eles que vão a BH visitar os parentes e amigos. Apenas um morador menciona receber visita com frequência, “meu irmão vem quase todo fim de semana. Aqui pra eles é como se fosse um passeio entende?” (ENTREVISTA MORADOR 1).

Além disso, um ponto interessante foi que quase todos os moradores reclamaram da falta de água e luz, “aqui quando dá horário de pico sempre acaba a luz. Ela diminui e fica fraquinha” (ENTREVISTA MORADOR 7), sendo que apenas o Morador 5, que residia no bairro Castelo e hoje residente no bairro Santa Cecília há 7 meses, tempo bem menor que os outros entrevistados, não reclamou da falta de água e luz. Apesar das reclamações em comum sobre infraestrutura urbana, como pesquisador foi possível perceber que os entrevistados que residem menos tempo na região, são mais otimistas nas possíveis soluções dos aspectos negativos levantados.

Outro ponto unânime entre os entrevistados do bairro Santa Cecília foi a reclamação sobre a rua ser de terra, pois em dias de chuva ficam quase intransitáveis. Já o bairro São Pedro tem as principais ruas asfaltadas e mesmo com outras ruas sem pavimentação asfáltica, não gerou nenhuma reclamação neste sentido. E aqui cabe ressaltar que é no bairro São Pedro que residem os entrevistados que moram há pouco tempo na região.

Apesar das dificuldades apontadas pelos moradores entrevistados, eles gostam da região e dizem ser um lugar muito sossegado. “Aqui meu filho, vai dando 7 horas da noite parece que você está na roça sabe? Você não ouve nada...” (ENTREVISTA MORADOR 2)

Mesmo com os problemas urbanísticos, a acessibilidade para aquisição da casa própria é fator de satisfação em todos eles. Apesar do longo prazo do financiamento da casa própria, que normalmente é de 25 a 30 anos, nenhum morador apontou isto como problema. Sentem-se felizes em poder comprar suas casas e o valor das parcelas também não são problemas para eles.

Você teve dificuldade com o financiamento? Nossa muito pelo contrário. Achei que foi até rápido demais. Quando pensei em comprar alguma coisa comecei a rodar. Minha maior dificuldade era entrada muito alta. Mas conversando com o vendedor descobrir que era possível usar meu fundo de garantia para dar entrada. Depois que achei a casa que queria dei entrada com todos meus documentos. E confesso que estava meio apreensiva com medo de dar errado, mas em menos de trinta dias fui chamada para assinar o contrato. (ENTREVISTA MORADOR 7)

Sua casa é própria? Graças a Deus meu filho. Compramos com muito custo. Na verdade ainda estamos pagando. É mesmo? Sim. A casa é financiada pela CAIXA. Mas foi a melhor coisa que fizemos. Morávamos de aluguel no bairro Guarani. Hoje não pagamos mais aluguel. Pagamos a prestação da nossa casa. (ENTREVISTA MORADOR 11)

Assim, adquirir a casa própria mostrou ser o maior objeto de desejo dos moradores no imbricado processo de urbanização.

No final da pesquisa intrigado e surpreso com a euforia dos entrevistados que alegaram ter sido fácil a aquisição da casa própria, procurei alguns barracões de aluguel já alugados para saber o porquê de pagar aluguel ao invés de tentar a aquisição da casa própria. Dos cinco barracões encontrados em Santa Cecília, todos os inquilinos já procuraram as imobiliárias da região na esperança de fáceis condições no acesso à moradia própria. A grande dificuldade está nos altos valores de entrada e, mesmo quando possuem o valor solicitado, o sonho da casa própria é interrompido por não atingir/comprovar a renda necessária, que ultrapassa três salários mínimos mensais. Em São Pedro encontrei apenas uma placa afixada em uma casa para alugar e pelo telefone verifiquei o valor do aluguel de seiscentos reais, valor discrepante aos barracões em Santa Cecília, que gira em torno de trezentos e cinquenta reais.

A partir disso é possível dizer que o déficit habitacional gerado pelo crescimento descontrolado segrega, exclui e só reforça a problemática do desenvolvimento na questão urbana do Brasil e em seus Municípios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da habitação e da urbanização envolve muitos fatores que precisam ser revisados e melhorados, pois a cidade e o uso da cidade é um direito de todos. Porém o cenário ainda é da desigualdade e exclusão. É notório o acelerado crescimento populacional das RMBH e a cidade de Esmeraldas, como foi mostrado no decorrer do trabalho, destaca-se neste ponto. Porém este crescimento muitas vezes não está sendo acompanhado pelas políticas públicas de habitação. As regiões periféricas crescem com um alto número de pessoas com baixa renda, de acordo com a classificação do Ministério do Desenvolvimento Social do Governo Federal, porém as políticas habitacionais que visam também amparar estas pessoas não conseguem suprir as demandas desta classe. O direito constitucional à moradia que todos os cidadãos brasileiros possuem, deve ser capaz de romper com o processo histórico de exclusão social e favorecimento de pessoas que possuem alto poder aquisitivo. A pesquisa mostrou que todos os entrevistados que declararam sua renda pessoal ou familiar, possuem vencimentos acima de três e inferior a sete salários mínimos.

Ao pensar o crescimento urbano descontrolado como produto do desenvolvimento é preciso ressaltar que o mesmo não se restringe à falta de habitação. Há uma série de situações socioambientais que interdependem e que não podem ser desconsideradas. Estas situações estão a todo o momento presentes nas falas dos entrevistados. O mau cheiro no manuseio das fossas, as reclamações das ruas sem pavimentação, a dificuldade para conseguir atendimento com um clínico médico e até mesmo a insatisfação com o valor elevado da passagem do transporte público, indicam a necessidade de repensar a organização do urbano com bases interdisciplinares que transcendam as barreiras dos gabinetes políticos.

A pesquisa surpreendeu, pois identifiquei na região que o aparato técnico-político (atendimento médico, qualidade do transporte público, acesso a espaços de lazer, acesso a informação) é muitas vezes deficitário. Faltam médicos e professores para uma demanda alta de moradores. A dificuldade de obter informações junto aos órgãos e secretarias da Prefeitura e a desinformação sobre o processo histórico dos bairros demonstra o descaso e desinteresse com os anseios da população regional. E no quesito moradia, acreditava que os imóveis eram acessíveis para os trabalhadores de baixa renda, porém não foi isso que constatei. A região estudada ainda não atende os trabalhadores que recebem uma renda familiar inferior a três salários mínimos, sobrando para eles o indesejado aluguel, que também já não está fácil de

conseguir na região, pois a especulação imobiliária tem elevado o valor do aluguel dificultando ainda mais o acesso à moradia dos trabalhadores mais pobres.

Portanto esta pesquisa possibilitou perceber que a dinâmica urbana precisa ser estudada com o olhar socioambiental permeando aspectos de bem estar, socialização e acessibilidade aos aparatos que possibilitem a real aquisição da casa própria e de um contexto propício à vida digna. A urbanização nas regiões periféricas que esta pesquisa permitiu estudar ainda mantém o caráter de exclusão social das pessoas mais pobres. O que se vê a partir do estudo é uma segregação entre o mais pobre (renda familiar até três salários) dos menos pobres (renda acima de três e abaixo de sete salários)

A precariedade de infraestrutura e equipamentos públicos que foi encontrada nos bairros estudados, nos leva à perplexidade ao imaginar como seria essa situação em bairros que são vilas e favelas. E desperta em nós o interesse de investigar numa próxima pesquisa como se dão os malabarismos para sobrevivência nestes espaços quase que invisíveis para o poder público.

REFERÊNCIAS

ARGUELHES, Delmo de Oliveira; COSTA, Ana Carolina Silva. **A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX.** Universidade de Brasília, jan/dez 2008.

BEZERRA, Maria Lucia. **Desenvolvimento Urbano Sustentável: realidade ou utopia.** Trabalhos Para Discussão. Fundação Joaquim Nabuco. Recife, jul/2002.

BRITO, Fausto. SOUZA, Joseane de. **A EXPANSÃO URBANA DE BELO HORIZONTE E DA RMBH: A Mobilidade Residencial e o Processo de Periferização, nos Anos 80 e 90.** Artigo elaborado a partir da Tese: “A expansão urbana de Belo Horizonte e da Região Metropolitana de Belo Horizonte: O caso específico do município de Ribeirão das Neves”, 1998.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Disponível em < <http://www.caixa.gov.br/>> Acessado dia 20/05/2014.

CÂMARA DO VEREADORES DE ESMERALDAS. Disponível em <www.camaraesmeraldas.mg.gov.br/> Acessado dia 01/05/2014.

FERRAZ, Lúcio Flávio. **PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA: impactos na distribuição de renda.** Monografia Latu Sensu. Tribunal de Contas da União. 2008.

FERNANDES, Edésio. PEREIRA, Helena Dolabela. **LEGALIZAÇÃO DAS FAVELAS: Qual é o problema de Belo Horizonte?** Planejamento de Políticas Públicas, n34, jan/jun.2010.

GESTÃO COMPARTILHADA: Programa de Gestão da RMBH. Disponível em <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br>. Acessado dia 06 de maio de 2014.

IBGE Cidades. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.** Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acessado dia 16 de junho de 2013.

LASCHEFSKI, Klemens Augustinus. **Segregação Espacial e Desigualdade Social: fatores determinantes da insustentabilidade do ambiente urbano.** IV Encontro Nacional de Anppas, 2008.

LALL, Somik; MATA Daniel da e WANG, Hyoung Gun. **Favelas e Dinâmicas das Cidades Brasileiras.** IPEA, Ensaio de Economia Regional e Urbana, 2005.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Disponível em <http://www.mds.gov.br>. Acessado dia 06 de maio de 2014.

MOTTA, L. D. **A Questão da Habitação no Brasil: políticas públicas, conflitos urbanos e o direito à cidade**, 2011.

OJIMA, Ricardo; MARANDOLA, Eduardo; PEREIRA, Rafael Henrique Moraes; SILVA, Robson Bonifácio. O ESTIGMA DE MORAR LONGE DA CIDADE: **Repensando o Consenso sobre as “cidades-dormitório” no Brasil**. Caderno Metropolitano, São Paulo, v.12, n24, jul/dez 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ESMERALDAS. Disponível em <<http://www.esmeraldas.mg.gov.br/index.php>> Acessado dia 16 de junho de 2013.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE. **Propostas de Políticas Setoriais, Projetos e Investimentos Prioritários**. Volume 1, maio de 2011.

RMBH: **A Região que Habitamos II**. Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Governo de Minas Gerais, 2013.

SACALCO, Lucia Mury; PINHEIRO, Rosana Machado. Os Sentidos do Real e do Falso: **o consumo popular em perspectiva etnográfica**. Revista de Antropologia, 2010, v. 53, nº1.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Diretrizes para normalização dos trabalhos acadêmicos apresentados na FACE/UFMG/** Elaborado por: Marialice Martins Barroca; Maria Célia Carvalho de Resende, colab. Belo Horizonte: FACE/UFMG, 2012. 52p. Disponível em:<http://web.face.ufmg.br/face/portal/files/biblioteca/Manual_normalizacao_FACE.pdf>. Acessado em 01/05/2014.